

Um conto de Kabarú

20.000 a.C



Em tempos em que nem a torre da Babilônia havia sido erguida, ou as pirâmides do Egito sequer tivessem o privilégio de serem pensadas, o império Romano demoraria pelo menos duas décadas para colonizar aquelas regiões, ou mesmo para existir. As águas do mar mediterrâneo, que não era conhecido por esse nome, lambiam a costa das terras que um dia seriam chamadas de Argélia. Em um vilarejo com poucas pessoas, existia um líder que porventura dominava as artes do xamanismo. Estava inerte em sua barraca sem se alimentar e sem beber água há onze luas cheias. Disse que era um culto necessário para que pudesse viver mais tempo. Mas aquilo na verdade era apenas um sacrifício que Kabarú fazia em próprio benefício. O anjo renegado vivia na Terra desde a queda dos anjos e de tempos em tempos, precisava se mudar para não chamar atenção em função do seu não envelhecimento. Naquela época, existiam vampiros e ele não queria ser confundido com tais criaturas.

Há onze luas cheias, o anjo estava inerte, sob a barraca construída com madeira reforçada e forrada com folhas secas, para proteger-se da chuva. Ele poderia manter-se ali por quanto tempo fosse

necessário; porém precisava apenas de mais um mês para convencer sua tribo.

Mas em uma noite, em que a Lua estava quase escondida sob um aglomerado de nuvens que não se moviam e em que os lobos uivavam sem parar, como se aquilo fosse um prelúdio aterrorizante de uma noite conturbada, Kabarú ouviu, com sua audição aguçada de um guerreiro, que outrofora fora celestial, um barulho seguido de galhos estalando sob as árvores da floresta. Esta que consumia todo o solo por uma grande região até chegar aos limites da praia, onde ficava a aldeia. Eram vários pequenos pedaços de madeira estalando, indicando que a visita era grupal e sorrateira e não amigável.

O anjo estava nas dependências da Terra, sem conseguir voltar para o Céu, há cento e trinta mil anos. Naquele tempo, conheceu quase todas as coisas que no planeta existiam. Mas como em tudo, existem coisas novas a serem conhecidas que vão florescendo e morrendo com o tempo. Ele foi um dos perseguidores da causa contra o vampirismo nas terras abençoadas que eram consideradas as terras do planeta Terra. Foi por causa dele que eles foram extintos e naquela noite o anjo receberia uma visita do último lampejo de vida desses seres que lhe

custariam muito.

Os barulhos cessaram, ou não eram audíveis nem para os anjos. Existia a possibilidade de os visitantes terem ido embora, ou eram mais sorrateiros do que o esperado. Kabarú preferiu contar com a primeira opção, confiando 100% em seus instintos guerreiros. Ele nem se mexia sob o teto triangular da barraca, e por vezes era visitado e honrado por homens de sua tribo que o reconheciam como o melhor deles, ou talvez o melhor do mundo. O Deus na Terra. Deixavam oferendas e sussurravam seus cotidianos, com a esperança de que mesmo imerso em seu mundo, o xamã pudesse estar ali por eles. Mas isso não aconteceu naquela noite e nem na manhã seguinte. Nem uma pessoa lhe visitando. Isso nunca tinha acontecido nas últimas onze Luas.

Kabarú prestou mais atenção ao externo da cabana, onde o sol batia, mas nem os pássaros ele pôde ouvir. As ondas batiam sutilmente nas pedras e lambiam a areia cristalina da praia. O coração do anjo petrificou-se, pois só poderia haver uma possibilidade. Um lampejo de ansiedade lhe fez abrir os olhos e saltar para fora da barraca. Todas as outras cabanas estavam intactas, porém com suas

fogueiras apagadas. Ele correu até a primeira delas e entrou pela porta sem medo de que fosse visto. A cena de horror lhe tomou ao ver homem e mulher degolados. Foi um trabalho carnicero, rápido. Correu para a próxima barraca e o resultado foi o mesmo, com todos os homens, mulheres e crianças da tribo, mortos como animais e deixados para apodrecer. Ele saiu ao meio da clareira e caiu ajoelhado, gritando para Deus, enquanto as lágrimas lhe cobriam o rosto.

Ficou ali por diversas horas, chorando e rezando para Deus, pois sabia que aquilo tinha sido obra do oposto de Deus. Uma raça terrível do inferno que assolava o planeta por milênios de anos. Mas que seria seu fim, pois ele não mais permitiria que nenhum daqueles seres bebedores de sangue andasse sobre a Terra.

Levantou-se e rasgou a veste superior, deixando evidentes suas tatuagens feitas com ferro ardente. Soltou os cabelos negros que lhe caíam sobre os ombros e em seguida explodiu suas asas branquíssimas com um lampejo de luz dourada. Ele as rajou e foi arremessado às alturas, em uma velocidade incrível.

O anjo sobrevoou uma região coberta com águas salgadas, passando por um vulcão que cuspia fumaça clara. Seu corpo fazia as nuvens se movimentarem pelo excesso de velocidade em que passava rajando suas asas. Atravessou mares e montanhas, florestas e riachos, até começar a plainar sobre uma região em que ele sabia onde estariam suas presas. O cheiro podre delas era terrível, pois eram demônios sanguinolentos, vampiros consumidores do sangue humano. Kabarú plainou como uma águia, tentando avistar de longe e quando os viu, bateu as asas e as espremeu contra o corpo, descendo como uma seta em velocidade descomunal.

O chão de terra seca tremeu e levantou fragmentos, quando o anjo pousou com um dos joelhos sobre ele e a palma estendida. Mesmo durante o dia, tochas grandes queimavam nos limites daquele terreno ocupado por entidades demoníacas. Foi de uma hora para outra, e ele estava rodeado por essas criaturas. Não eram assim tão diferentes dos humanos, ou dos anjos, pois um dia eles foram um deles. A pele era quase branca, com a impressão de nunca correr sangue ali. Os olhos eram vermelhos

como se houvesse toda a concentração do sangue do corpo naquela região, deixando a retina completamente evidente sobre um mar rubro. Tinham presas e garras maiores, porém sutis e mortais.

Só naquele anel em volta do anjo, tinha mais de cinquenta deles. Raivovo, o primeiro, partiu para cima de Kabarú e voltou para trás por um soco, acertando o restante do grupo e derrubando-os. Mais dois seguiram para atacar o anjo, mas ele acertou sua barriga com um chute lateral e derrubou o outro ao solo com uma cotovelada de cima para baixo. Ele tinha poder e técnicas de combate, além de ser mais rápido do que os vampiros. Ele saltou e rodou a perna, derrubando três deles de uma vez e quando caiu no solo, acertou com o calcanhar o crânio de outro vampiro. Naquele momento, todos os infernais já corriam em sua direção para tentar agarrá-lo. Mas como um furacão, distribuindo chutes e socos vorazmente, não conseguiam nem chegar perto.

– Vocês se arrependem para sempre por terem mexido com a minha gente! – ele gritou, enquanto acertou mais de cinco deles no tempo da frase e assim continuou os golpes enquanto desabafava. – Eu caí com vocês, meus irmãos traiçoeiros. Mas foi

um erro, pois vou achar uma forma de voltar ao Céu.

Em dado momento, Kabarú já estava satisfeito com tantos socos que lhes acertara e em um quarto de segundo, ele juntou as duas mãos, os dedos cruzados, com exceção dos indicadores que estavam colados e apontados para cima. Seu corpo virou uma bomba que irradiou uma onda azul de choque, destruindo todos os seres à sua volta, fazendo-os explodir suas entranhas em pleno ar. Em volta do anjo, ficou marcada no solo uma cratera de terra mais escurecida.

Os vampiros já estavam quase extintos e sendo aquele grupo o último deles, estavam mais ferozes do que nunca, destruindo todas as tribos em volta da sua. Mas nunca mais isso iria acontecer, pois na história houve um anjo caído que extinguiu toda a raça deles.

Kabarú avistou um deles agachado, rosnando sobre o braço que lhe tapava os olhos. A energia não chegou até ele, mas era um monstro e tinha restado. Não temeroso a Kabarú, ele saltou para dentro da cratera ao mesmo tempo em que o anjo caminhava até ele com as asas balançando. Mas o vampiro corria e logo começou a correr com os quatro

membros, ganhando mais velocidade, com a intenção de empoderar seu ataque. Ele saltou a dez metros de distância do anjo e esticou os braços, as garras abertas como um tigre dentes de sabre. Kabarú esticou o braço e com um solavanco em que seu corpo sacolejou, grudou em seu pescoço como se este fosse um boneco. Em seguida, trouxe-o para bem perto de seu rosto, encarando seus olhos com fúria, enquanto a criatura lhe arranhava o corpo. Ele fechou o punho e acertou a cara do monstro uma, duas, na terceira vez sua mão se afundou nas entranhas do crânio do vampiro. Ele o trouxe de volta vendo pedaços de carne caindo no chão e soltou o corpo que caiu da mesma maneira em que ficou até que animais viessem e dilacerassem sua carne até os ossos.



FIM